

CORPO E ADOLESCER

Leônia Cavalcante Teixeira

A adolescência constitui um dos temas mais abordados na literatura científica de várias disciplinas, interrogando concepções unidimensionais com explicações lineares e causais do desenvolvimento humano, visto somente pela perspectiva do ciclo vital, isto é, pela sucessão de fases com características e consequências peculiares em termos orgânicos, psicológicos, cognitivos e sociais (THIERCÉ, 1998). Observamos, nesse sentido, termos como adolescência tardia, pós-adolescência, adulez emergente (ARNETT, 2004) e sociedade adolescêntrica, como indicam Anatrella (1988) e Ladame (2005).

Sendo vista como paradigma da subjetividade contemporânea, como nos escreve Cadoret (2003), quando afirma que a adolescência funciona como um revelador de uma mutação antropológica em curso que se fundamenta na investigação clínica que evidencia o lugar das patologias do agir e da violência no adolescer não facilmente apreendida por nosografias desenvolvimentistas e psicopatológicas, a adolescência marcada pelo sofrimento expresso e impresso no corpo constitui o foco deste trabalho.

O risco de colapso subjetivo, pela angústia de fragmentação, pode ser eminente em certos casos de desorganização psíquica, em que não há um suporte social – familiar e do laço social –, carecendo o sujeito adolescente de possibilidades de simbolização, de representatividade da dor de existir.

Adolescer traz consigo desafios subjectivos que podem ser difíceis frentes a uma estrutura psíquica que se vem constituindo de modo frágil, dificultando que respostas às atuais exigências possam ser construídas pela via de um sofrimento simbolizável, situado nas referências do laço social. Ressaltamos que os casos de desorganização subjetiva têm a ver com a não constituição de uma imagem corporal que favoreça as

mudanças do esquema corporal e os lutos pelas perdas advindas da saída da posição infantil.

Quando contextualizamos a materialidade corpórea como um cenário privilegiado da experiência do sujeito contemporâneo, supomos haver um empobrecimento das dimensões simbólicas que norteiam as experiências e suas representações, o que também afeta os sujeitos quando confrontados com os dilemas que a puberdade instaura quanto à diferenciação dos sexos e à urgência da tomada de posição quanto à sexualização.

A partir do conceito de espaço de limiar, Gil (1997) visa romper com as dicotomias corpo-alma e interno-externo. O espaço de limiar é constituído pelo corpo inteiro, pelas zonas erógenas, pelos poros, pelos órgãos sexuais, pelas carícias, pelo tato, pelos desejos... Operando a mediação entre interior e exterior, o espaço de limiar é dinâmico e móbil, ocupando os orifícios, lugar de destaque. Tal concepção de Gil (1997) parece-nos importante quando pensada juntamente com autores como Dolto (2001) e Winnicott (1988, 2000), já que os conceitos de imagem inconsciente de corpo e de espaço transicional se fundamentam também na ideia de uma corporeidade não essencialista, não previsível e em constante construção.

Pensamos que os ferimentos auto-fabricados pelas adolescentes vão além da superfície cutânea, atingindo o psiquismo, “cortando e fazendo sangrar” a subjetividade.

No cenário contemporâneo de construção de subjetividades, observamos que atos de auto-agressão infligidos ao próprio corpo, costumam acompanhar o processo do adolecer em jovens, juntamente a quadros psicopatológicos de transtornos na oralidade e da imagem corporal, abordados como estratégias paradoxais de vida no campo do narcisismo, da pulsão de morte e do masoquismo, traços prementes na sociedade

contemporânea (CORCOS, 2009; COSTA, 2004; LE BRETON, 2002, 2003; TEIXEIRA, 2003).

Dessa forma, o sujeito sofre na concretude do corpo, pelas práticas corporais caracterizadas pela dor e pela mudança da materialidade corpórea, tal como nas que insurgem tanto no campo artístico, como as *body arts* (COSTA, 2003; LE BRETON, 2002, 2003a; ORTEGA, 2004; VALE, 2007; TEIXEIRA, 2003), como no cotidiano de sujeitos que padecem e que, ao invés de elaborarem simbolicamente a dor, materializam-na sob a forma de cortes, escarificações, perfurações e introdução de objetos sob a superfície da pele (COSTA, 2003; TEIXEIRA, 2003, 2008).

Os atos de automutilação infligidos por adolescentes do sexo feminino podem ser exemplificados tanto pelas práticas culturalmente aceitas e normatizadas como as da tatuagem, do *piercing* e do alargamento de orifícios corporais (LE BRETON, 2002, 2003; PÉREZ, 2006; TEIXEIRA, 2001; TENENHAUS, 1993), como e, principalmente, por atos solitariamente infringidos através do uso de instrumentos cortantes e mutiladores que cortam, rasgam, perfuram, queimam partes do corpo consistindo cenas de tortura e penitência, protagonizadas por sujeitos que tencionam viver na materialidade corpórea, o que não passa pela elaboração psíquica, sendo estes atos os priorizados neste estudo.

As incisões auto-fabricadas pelas adolescentes vão além da superfície cutânea, sendo implicadas e, concomitantemente, atingindo o psiquismo, “cortando e fazendo sangrar” a subjetividade. Corpo e psiquismo se equivalem, daí podermos supor que o sujeito é corpo e o corpo é sujeito, não sendo duas entidades distintas. Parece-nos que os traumatismos, os desamparos extremamente precoces se inscrevem diretamente sobre o corporal, em detrimento de toda a possibilidade de elaboração psíquica (DEBRAY, 2001; VOLICH, 2000).

Freud (1923/1976), no seu texto *O Eu e o Isso*, já reservava um lugar especial para o corpo na constituição do psiquismo. Ele não só postulava a existência de um eu corporal anterior a tudo, mas chamava a atenção para a questão da superfície do corpo – a pele. “O eu é antes de tudo um eu corporal” (FREUD, 1923/1976, p. 238), acrescentando ainda, em nota de pé de página de 1927, que “o eu deriva em última instância das sensações corporais, principalmente daquelas que têm a sua fonte na superfície do corpo. Assim, pode ser considerado uma projecção mental da superfície do corpo e, além disso, como vimos anteriormente, ele representa a superfície do aparelho mental” (idem, 1923/1976, p. 238). Nesse sentido, é bem pertinente a afirmação de Freud de que o eu é a projecção mental da superfície do corpo. Daí a importância fundamental da experiência tátil nos primeiros momentos da experiência psíquica.

Dechaud-Ferbus (2009) esclarece que Freud já escreve, em 1913, que “por linguagem, não se deve simplesmente compreender a expressão dos pensamentos em palavras, mas também a linguagem dos gestos e de toda forma de expressão da atividade psíquica” (DECHAUD-FERBUS, 2009, p. 336), enfatizando que “no momento da gênese do eu psíquico, opera-se um primeiro modo de simbolização primária que utiliza a linguagem do corpo” (idem).

As dificuldades na constituição psíquica começam, muitas vezes, antes da possibilidade do estabelecimento de um narcisismo primário, onde já poderíamos supor algum nível de unidade e integração do *eu*. Pensando com Anzieu (1985; 2002), um Eu-pele “frágil”, capaz de exercer precariamente suas funções de contenção psíquica (capaz de manter as boas experiências), de interface/barreira entre dentro e fora e de mediador/lugar de registro das trocas com os outros. A partir da ideia do psiquismo como continente é possível pensar o apoio do eu sobre a pele, modelo que Anzieu (1985) utiliza em sua concepção do Eu-pele. De acordo com o autor, há uma correspondência

entre o *eu* em seu estado originário, conforme aparece na obra de Freud (1923/1976), e sua noção de Eu-pele (Anzieu, 1995). A ênfase na importância da experiência tátil dá-se devido ao seu estatuto de interface, à sua dupla possibilidade de percepção, tanto interna quanto externa.

Observamos que atos de automutilação parecem ter um sentido de “purificação” das excitações que assolam o envelope psíquico, quando o excesso pulsional e a excitação interna recaem sobre o corpo, na impossibilidade de serem contidas no aparelho psíquico e de poderem apoiar-se na relação com o meio ausente ou demasiado ativo ou excitante.

As sensações dolorosas têm papel fundamental numa etapa muito primitiva do desenvolvimento. Neste momento, através da dor, o sujeito consegue “saber” algo sobre si e, neste sentido, a dor é constitutiva. Porém, ao ultrapassar certo limiar, ela se torna um entrave, pois para que o eu se constitua é necessário um predomínio de sensações de prazer, que colaboram para a sensação de um eu integrado, unificado. A dor urge ser considerada através de meandros complexos que possibilitem apreendê-la nas suas plurais facetas, inclusive quando é através dela que o caráter de humanidade se radicaliza, isto é, a experiência do sujeito se dá pelo sofrimento delineado em dor física, consistindo em um modo, mesmo que extravagante aos ideais higiênicos de não sofrimento, de afirmação da vida (BERLINCK, 2000; FLEMING, 2003).

Concluimos que as práticas de mutilações corporais auto-infligidas por meninas merecem ser abordadas como paradigmáticas das subjetividades contemporâneas, especialmente pelo caráter ético que ocupam na constituição da corporeidade, já que encenam tragicamente nuances culturais do solo social no qual nos constituímos, esboçando um espaço de exílio subjetivo no campo do risco, do excesso, da desmesura, do pathos que marca os destinos humanos como mal-estar.

BIBLIOGRAFIA

ANATRELLA, T. **Interminables adolescences**. Paris: EdCerf, 1988.

ANZIEU, D. **O Eu-Pele**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1985.

ANZIEU, D. **O pensar**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

ARNETT, J.J. **Emerging adulthood. The whinding Road from the late teens through the twenties**. Oxford: Oxford University Press, 2004.

BERLINCK, M. T. **Psicopatologia Fundamental**. São Paulo: Escuta, 2000.

CADORET, M. Appropriation Du lien social par l'adolescent: de la violence communautaire à la contre-structure anomique In : **Cliniques Méditerranéennes**. Paris, France, 1993.

CADORET, M. **Le paradigme adolescent**. Paris: Dunot, 2003.

CORCOS, M. **La terreur d'exister. Focionnements limites á l'adolescence**. Paris: Dunot, 2009.

COSTA, A. **Tatuagens e marcas corporais: atualizações do sagrado**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

COSTA, F. J. **O vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

DEBRAY, R. **Épître à ceux qui somatisent**. Paris: PUF, 2001.

DECHAUD-FERBUS, M. Les inihibiteurs de l'excitation dans la genèse du fonctionnement psychique: de la décharge à la liaison. **Revue Française de Psychanalyse**, Paris, tome LXXIII, número 1, p. 331-348, mai, 2009.

DOLTO, F. **A imagem inconsciente do corpo**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

FLEMING, M. **Dor sem nome. Pensar o sofrimento**. Porto: Afrontamento, 2003.

FREUD, S. O Eu e o Isso (1923) In: **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, v. 19**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976.

GIL, J. **Metamorfoses do corpo**. Lisboa: Editora Relógio D'Água, 1997.

JEUDY, H. P. **O corpo como objecto de arte**. Rio de Janeiro: Estação Liberdade, 2002.

LADAME, F. **Les éternels adolescents**. Paris: Odile Jacob, 2005.

LE BRETON, D. **Signes d`identité. Tatouages, piercings et autres marques corporelles.** Paris: Métailié, 2002.

LE BRETON, D. **L'adolescence à risque.** Paris: Hachette Pluriel Reference, 2003a.

LE BRETON, D. **La peau et la trace: Sur les blessures de soi.** Paris: Métailié, 2003b.

LE BRETON, D. O corpo enquanto acessório da presença: notas sobre a obsolescência do homem. **Revista de Comunicação e Linguagens** (Universidade Nova de Lisboa), Lisboa, 33, p. 67-81, agosto-setembro, 2004.

LE BRETON, D. **En souffrance, adolescence et entrée dans la vie.** Paris: Métailié, 2007.

Ortega, F. Modificações corporais e bioidentidades In: MARCOS, L. M; CASCAIS, F. A. (Org.). **Corpo, técnica e subjetividades.** Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2004.

ORTEGA, F. **O corpo incerto. Contemporaneidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea.** Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

PÉREZ, A. L. A identidade à flor da pele. Etnografia da prática da tatuagem na contemporaneidade. **Revista Mana.** 12(1), 179-206, 2006.

TEIXEIRA, L. C. Articulações entre antropologia e psicanálise: Mauss, Lévi-Strauss, Clastres e Freud. **Acheronta Revista de Psicoanálisis y Cultura,** Buenos Aires, 13, 2001.

TEIXEIRA, L.C. El cuerpo en La contemporaneidad y La clinica psicossomática. **Terapia Psicologica,** 22, 2, 171-176, 2003.

TEIXEIRA, L. C. Um corpo que dói: considerações sobre a clínica psicanalítica dos fenômenos psicossomáticos. **Latin Journal of Fundamental psychopathology on line.** Recuperado em 12 de maio, 2008, de <http://www.fundamentalpsychopathology.org>, 2006.

TENENHAUS, H. **Le tatouage à l'adolescence. De la représentation graphique à la représentations psychique: Le corps médiateur.** Lisboa: Bayard, 1993.

THIERCÉ, A. **Histoire de l'adolescence.** Paris : Belin, 1998.

VALE, R. L. Um olhar psicanalítico sobre tatuagens e cirurgias plásticas estéticas In: Fontenele, L. B.; Carvalho, D. F. (org.). **Anais do IV Congresso Nacional de Psicanálise da UFC – Pulsão, desejo e fantasia.** Fortaleza: Expressão Gráfica, 2007.

VOLICH, R. M. **Psicossomática: de Hipócrates à psicanálise.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

WINNICOTT, D. W. **Os bebês e suas mães.** São Paulo: Martins Fontes, 1988.

WINNICOTT, D. W. **Da pediatria a psicanálise – obras escolhidas (1958).** Rio de Janeiro: Imago, 2000.

SOBRE O AUTOR

Leônia Cavalcante Teixeira: Psicanalista, Profa. Titular do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade de Fortaleza; membro do GT da ANPEPP “Dispositivos clínicos em saúde mental” e do “Laboratório de estudos e intervenções psicanalíticas na clínica e no social” da UNIFOR. E-mail: leoniatt@unifor.br; leoniatt@uol.com.br